

Cristologia nossa de cada dia: Um olhar para o mundo universitário

Gisela Isolde Waechter Streck*
Eneida Jacobsen**

RESUMO: Visando a conhecer a representação de Jesus Cristo entre o público universitário, foram entrevistados 14 universitários da Paróquia Martin Luther da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), sediada no município de Roque Gonzales – RS, Brasil. Três eixos temáticos se destacaram no discurso cristológico desses universitários: a) Jesus como exemplo a ser seguido, b) Jesus como salvador e c) Jesus como Filho e manifestação de Deus. Além disso, os estudantes apontaram para a importância de experiências concretas, como no caso da Santa Ceia. A partir desses resultados e em diálogo com outras pesquisas, pretende-se delinear algumas conclusões, apontando para desafios no que se refere a um trabalho pastoral com universitários.

PALAVRAS-CHAVES: universitários, cristologia, estudo de caso.

ABSTRACT: Aiming to analyze Jesus Christ's representation among university students, 14 students from the Paróquia Martin Luther - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), located in the city of Roque Gonzales, in the state of Rio Grande do Sul, in Brazil, were interviewed. Their Christological discourse highlighted: a) Jesus as an example to be followed, b) Jesus as a savior and c) Jesus as God's son and manifestation. The students also emphasized the importance of concrete experiences such as the Holy Supper. Considering these results and other researches, some conclusions and challenges for a pastoral work with university students will be pointed out.

KEYWORDS: university students, Christology, case study method.

* Doutora em Teologia e professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, São Leopoldo, RS.
** Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, bolsista do CNPq – Brasil.

1 Universitários/as de Dona Otília – Pesquisa social

Quem é Jesus Cristo para o público universitário? No intento de responder essa pergunta, realizou-se, de agosto de 2005 a janeiro de 2006, uma pesquisa entre estudantes universitários da Paróquia Martin Luther. A Paróquia, que tem sua sede em Dona Otília, distrito de Roque Gonzales – RS, está localizada na assim chamada “região das missões”, integrando cinco diferentes municípios: Campina das Missões, Cerro Largo, Guarani das Missões, Roque Gonzales e São Paulo das Missões. A maioria dos universitários é proveniente do município de Roque Gonzales (93%).

Praticamente todos os universitários inscritos na Paróquia fizeram parte da pesquisa. Apenas dois estudantes não retornaram o questionário, totalizando um número de 14 pessoas de diferentes cursos e universidades rio-grandenses, que reponderam ao questionário. A maioria delas é do sexo feminino (79%), tem entre 18 e 25 anos (79%), é solteira (86%), trabalha e recebe ajuda da família (72%), define-se como branca (100%) e mora com amigos (58%). 93% cursam Ensino Superior, estando entre o terceiro e oitavo semestres, e 7%, Pós-graduação.

O método empregado na coleta de dados foi o estudo de caso. Nesse método, explica Pauline Young (1960), busca-se descrever os processos sociais nos quais ocorrem as experiências humanas ou estudar condutas individuais dentro de seu cenário social. A análise e comparação de diferentes casos permite, conforme a autora, fazer generalizações ou formular princípios. Mirian Goldenberg (2004), de maneira análoga, identifica o objetivo do método como sendo o de apreender a totalidade e descrever a complexidade de um caso concreto, realizando a intenção de generalização a partir da particularidade. Para ela, o estudo de caso permite uma penetração na realidade social que a análise estatística não consegue, uma vez que, ao ser feito um mergulho profundo em um objeto delimitado, não são escondidas diferenças internas por trás de uma suposta homogeneidade.

Perguntar pela identidade de Jesus Cristo entre universitários é dar prioridade ao seu discurso, e não tanto a outros aspectos, como conduta, por exemplo. Por isso, dentre as várias fontes de evidência possíveis dentro de um estudo de caso¹, optou-se pela observação participante, aplicação de questionários e realização de entrevistas. Durante cinco meses, foi possível, no que se refere à observação participante, estar presente em encontros da comunidade, como cultos, ensino confirmatório, encontros de mulheres, encontros de jovens, ensaios de grupos de canto e visitas em casas e hospitais. Quanto ao questionário, duas perguntas foram fundamentais para a presente pesquisa: “Jesus Cristo é...” e “se

¹ Segundo o autor, há seis fontes de evidências que podem ser utilizadas em um estudo de caso: documentação, questionários, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos.

Jesus Cristo não tivesse existido, o que você acha que seria diferente atualmente?”. Após breve sistematização dos dados levantados com o questionário, foram identificadas algumas questões que deveriam ser melhor estudadas.

A grande maioria do público pesquisado afirma estar bastante preocupada em “ter formação acadêmica para obter um bom emprego” (31%), “assumir responsabilidades e compromissos que preparam para o futuro” (15%) e “contribuir para a construção de uma sociedade melhor” (15%). A ânsia por uma sociedade melhor, no entanto, não pareceu influenciar na escolha do curso. Mostra-se como tendo sido determinantes a preocupação com o futuro pessoal e uma certa identificação com a área: “tem bastante campo de trabalho”, “maior oportunidade de emprego”, “por aptidão”, “tem a ver comigo”, “gosto pessoal”, “porque gosto de crianças” são trechos de respostas dadas pelos estudantes.

Em uma questão do questionário, pediu-se que fossem escolhidas, dentre as situações apresentadas, aquelas com as quais mais se identificassem. Grande parte dos estudantes optou pelos cenários “constituindo uma família” (21%), “com um bom emprego” (20%) e “se formando na universidade” (20%). Percebe-se novamente aqui a preocupação e a expectativa em conseguir um bom emprego. O aspecto familiar também se impôs como elemento importante em várias outras questões.

Ao planejarem o futuro, a grande maioria afirma pensar na família. Em segundo lugar, citou-se Deus e a Faculdade. O tema “família” reaparece quando o assunto é sentido da vida. Para os jovens que responderam ao questionário, o sentido da vida encontra-se na família e no próprio ato de viver. “A vida é um presente de Deus, deve ser vivida a cada momento”, escreveu um estudante. “Viver e ser feliz”, “minha família”, “minha família pois sem ela minha vida não teria sentido nenhum” foram outras respostas dadas à pergunta pelo sentido da vida.

Também em relação à escolha da confissão religiosa e participação em cultos, a família assume caráter central. A maioria afirma ter escolhido a confissão evangélico-luterana por sua própria vontade e estímulo dos pais (60%). Ao mesmo tempo, é quando estão visitando os pais, que a maioria (66%) participa dos cultos da comunidade. De todas as atividades realizadas na Paróquia, mais atrativos foram considerados o culto com Santa Ceia e a visita pastoral.

Mas se considerar uma pessoa religiosa, entre esses estudantes, não depende necessariamente de uma participação da vida religiosa de alguma Igreja. A pergunta “você se considera uma pessoa religiosa? Explique:” recebeu respostas como: “Sim, porque acredito muito na força divina, é através dela que vivo”, “me considero religioso porque acredito em Deus”, “pois tenho muita fé em Deus”, “porque rezo todas as noites antes de dormir e frequento os cultos e tenho fé em Deus”.

Entre as atividades preferidas para o tempo livre, encontram-se “ir na casa de amigos ou recebê-los em casa”, “ficar em casa junto com os familiares”, “ficar em casa assistindo TV e/ou escutando música” e “reunir-se com amigos fora de casa”. O círculo de amigos e o familiar mostram-se, poder-se-ia concluir, como

umas das, se não as redes de relações mais importantes para a formação da identidade e discurso destes jovens.

2 A idade adulta-jovem

Considerando a idade das pessoas que participaram da pesquisa, poderia dizer-se, a partir de teóricos como Erik Erikson (1976), que elas se encontram na assim chamada “idade adulta-jovem”. Erik Erikson explica que, nessa fase, o jovem adulto, que na adolescência chegou à consciência de sua unidade enquanto identidade única, possui certa disposição para arriscar seu eu em relações mais íntimas que exijam comprometimento. Em contraposição, pode ocorrer aquilo que ele chama de isolamento². O elemento da intimidade parece transparecer entre os jovens de Dona Otilia principalmente na expectativa de constituírem uma família.

James Fowler (1992), por sua vez, ao descrever os diferentes estágios da fé na vida humana, apresenta a idade adulta jovem como um período de transição da fé sintético-convencional para a fé indutivo-reflexiva. Segundo ele, na fé sintético-convencional, símbolo e significado estão intrinsecamente ligados; diferente que no estágio posterior, quando o sentido dos símbolos é repensado, podendo ocorrer uma desmitologização. A pessoa começa a perguntar pelo significado e importância dos símbolos religiosos e a tentar traduzi-los em conceitos abstratos, re-significando o seu valor.

Pensando nas muitas tensões que, conforme Fowler, integrariam a mudança de um estágio para outro, perguntou-se aos estudantes se teriam passado por alguma “crise” em relação a suas crenças religiosas. A maioria, no entanto, respondeu que não: “Sempre mantive um pensamento linear no que diz respeito às questões religiosas”, “sempre tive a certeza de que esta é a crença em que mais me identifico” foram algumas das respostas dadas. Apenas uma fala parece se aproximar daquilo que Fowler observa como típico da transição de um estágio para outro: “Tive a oportunidade de conhecer outras igrejas, e percebi muitas diferenças entre elas, e então me questioneei qual delas estaria mais próxima da palavra de Deus, e me vejo ainda confusa, pois em todas existem coisas das quais discordo.”

Mas houve mudanças na forma de se relacionar com Deus, vários estudantes admitiram: “Principalmente por estar longe de casa e geralmente sozinha aprendi a ver Deus como um grande confidente e amigo”, “sempre achei difícil poder entrar numa faculdade, consegui e acho que devo isso a ele”, “me senti muito pequena e frágil diante de uma multidão de pessoas que eu não conhecia, a única

² “[...] O adulto jovem, que emerge da busca e persistência em uma identidade, anseia e se dispõe a fundir a sua identidade com a de outros. Está preparado para a intimidade, isto é, a capacidade de se confiar a filiações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para ser fiel a essas ligações, mesmo que elas imponham sacrifícios e compromissos significativos”.

certeza que eu tinha era de que Deus estava comigo. Foi a ele que me apeguei, em tantos momentos de solidão que vivenciei, longe das pessoas que eu gostava, e isso fez com que ele se fizesse mais presente em minha vida.”

Essa percepção de um “pensamento linear” em termos de fé e, por outro lado, a observação de que houve uma intensificação do relacionamento com Deus, pode alertar para o fato de que a idade adulta jovem não precisa se dar da mesma maneira em todos os tempos e lugares³. Em outras palavras: Se os universitários de Dona Otília têm em comum o fato de viverem longe da casa dos pais, de receberem ajuda da família e trabalharem, de terem a expectativa de se formar, conseguir um bom emprego e constituir família, isso não significa que universitários de todo o mundo apresentarão as mesmas características. É importante dizer isso porque alerta para o fato de que a importância atribuída a Jesus Cristo por esse público não será necessariamente a mesma entre universitários de outros tempos e lugares. Mesmo assim, as visões locais sem dúvida podem ajudar para que visões mais amplas sejam construídas e, por sua vez, atuações locais mais atentas à realidade e opiniões dos universitários sejam realizadas.

3 Principais correntes cristológicas do último século

Perguntar pelo discurso cristológico entre o público universitário requer uma definição desta categoria de análise fundamental: a cristologia. Etimologicamente, “cristologia” significa fala, palavra sobre Cristo. Perguntar pela pessoa de Cristo é pergunta fundamental da cristologia que, em última análise, sempre está preocupada com o Cristo da fé. Caso contrário, não seria cristologia, mas jesuologia. Mesmo assim, seu ponto de partida não precisa ser o Cristo da fé. Muitas correntes teológicas têm preferido iniciar a sua reflexão pelo Jesus histórico, para então chegar ao Cristo proclamado pelas primeiras comunidades cristãs.

O texto de Marcos 8.27-29 mostra que, durante a vida de Jesus Cristo, já foi levantada a pergunta a respeito de sua pessoa. Oscar Cullman (2001), em sua “Cristologia do Novo Testamento”, explica que, para responder à questão acerca da pessoa de Cristo, as primeiras comunidades cristãs fizeram uso de ideias correntes no judaísmo e no helenismo de então. Tanto as perguntas, como a importância dada a certas respostas, dependiam das aspirações e formas de se ver o mundo, específicos daquela época. Identifica-se assim, uma “mútua fecundação”⁴ existente, já no início do cristianismo, entre a consciência cultural e o even-

³ Autores como Marília Sposito (2007), têm defendido que a juventude (convencionalmente delimitada entre os 15 e 29 anos de idade) é uma construção socio-histórica, cultural e relacional nas sociedades contemporâneas. Muitas vezes, vêem-se a adolescência e a idade adulta jovem como etapas situadas entre a infância e a fase adulta. Contudo, também a infância e a fase adulta são resultados de valores sociais presentes em contextos determinados, não podendo ser generalizadas.

⁴ Roberto Zwetsch faz uso da expressão “mútua fecundação” para explicar o paradigma da inculturação que seria um encontro fecundo entre Evangelho e as diferentes culturas. A inculturação, em suas palavras, “[...] é uma metodologia de aproximação cultural, e esta não implica perda de identidade, mas pressupõe as balizas da autonomia e da identidade que tanto o evangelho como a cultura reclamam para si.” A inculturação, portanto, seria uma “[...] atualização do seguimento de Jesus nas distintas culturas” (ZWETSCHKE, 1998, p. 225).

to Jesus. E é a partir dessa relação que Braaten (2005, p. 462) define o objetivo da cristologia: “Seu alvo é construir uma interpretação abrangente da identidade e do significado da pessoa de Jesus como o Cristo, sob as condições do conhecimento e da experiência contemporâneos”.

Estabelecendo um diálogo entre os universitários de Dona Otília e diferentes correntes cristológicas dos últimos tempos, perceber-se-á quão fortemente muitas das afirmações, típicas de determinadas correntes, permeiam o discurso desses jovens. Tal observação será pressuposto para a defesa de uma cristologia mais abrangente entre o público universitário, que não parta, como se fosse possível essa via de mão-única, nem do Jesus histórico, nem do Cristo da fé. Uma cristologia que, em diálogo com as diversas formas de interpretação da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, bem como com o discurso dos próprios universitários, permita vislumbrar os vários aspectos do mistério do Cristo Jesus.

Iniciar-se-á pela teologia liberal que, apesar de encontrar suas raízes no século XIX, obteve grande alcance entre as teologias subsequentes, essas, que em sua maioria, nasceram em resposta ao liberalismo teológico da época. Além da teologia liberal, será também considerada a teologia dialética, a teologia existencial, a teologia da cultura e da libertação, que têm o século XX como marco de seu advento.

Cristo na teologia liberal: De acordo com Rosino Gibellini (1998, p. 19), a teologia liberal era marcada pelo forte uso do método histórico-crítico, pela relativização da tradição dogmática, especialmente da cristologia, e por uma leitura predominantemente ética da fé cristã. Ela buscava “harmonizar o mais possível a religião cristã com a consciência cultural da época”, escreve o autor. Neste contexto, a pessoa de Jesus Cristo foi entendida como um modelo ético principalmente. O que não parece ideia estranha entre os universitários de Dona Otília. Se Deus, por um lado, é principalmente uma “força que nos guia e protege”, Jesus Cristo, por outro, é “uma amostra, um exemplo que nos impulsiona e nos mostra o caminho”.

Cristo na teologia dialética: Karl Barth, com o escrito “A Espístola aos Romanos” de 1919, é quem dá início a uma nova corrente teológica, que mais tarde ficará conhecida como teologia dialética. Característico desta corrente é a mudança de enfoque do ser humano, com suas supostas capacidades, para Deus como sujeito. Se a teologia liberal havia tentado harmonizar o tanto quanto possível o cristianismo com a cultura da época, agora se aponta para uma infinita diferença entre Deus e as pessoas. Barth insiste que o ser humano não pode chegar a Deus por força ou vontade própria, mas apenas a partir do Cristo, no qual Deus vem ao encontro do ser humano. A centralidade de uma cristologia a partir do Cristo ressuscitado, e não do Jesus histórico, é uma marca da teologia dialética. Para Barth, Cristo é a palavra que se encarna, tanto que sua teologia ficou para muitos conhecida como “teologia da palavra” (GIBELLINI, 1998, p. 20-31).

Jesus Cristo é “o filho de Deus”, afirmam os universitários de Dona Otília. Apreendem Jesus não como mero humano, mas como revelação do divino. Podem talvez não identificá-lo como palavra de Deus encarnada, mas apontam para a centralidade da palavra em relação a Jesus: Jesus Cristo “é aquele que morreu para deixar sua mensagem, mostrar algo tão grande e precioso para que as pessoas cressem na sua palavra.” Resta saber o que se entende por essa “palavra”. Como mero imperativo ou conteúdo da graça de Deus? Jesus Cristo como “aquele que sofreu por nós para que nossos pecados fossem perdoados” parece apontar para uma possível solução para essa questão.

Cristo na teologia existencial: Rudolf Bultmann (1999), que, originalmente, integra o grupo de teólogos dialéticos, foi responsável por iniciar um novo movimento dentro da teologia, buscando recuperar seu caráter existencial. Na compreensão desse teólogo, o Novo Testamento conteria um querigma, uma mensagem apelativa, através da qual não se pode chegar ao Jesus histórico, nem ao fato objetivo da salvação, mas sim ao Cristo, acessível, a propósito, apenas pelo querigma. Essa mensagem apelativa, enquanto chamado endereçado ao ser humano para entender-se como existência crente, a compreender-se como co-crucificado e, com isto, também como co-ressurreto, é uma mensagem salvífica, que deixa clara a dimensão existencial da fé.

A “palavra da reconciliação” (2 Co 5.18ss) que se “acresce” à cruz, ao interpelar o ser humano em sua existência pessoal, conclama-o a “renunciar a seu egoísmo e à segurança ilusória que construiu para si” (MONDIN, 2003, p. 186). Olhando para si mesmo, preocupando-se com o seu existir, o ser humano deve deixar as palavras de Jesus virem ao seu encontro. E é sem dúvida olhando para a sua existência, que uma entre os estudantes pesquisados pôde afirmar: “Na Universidade, me vi pequena e sozinha. Deus foi um amparo”.

Para Bultmann (apud GIBELINI, 1998), o cristianismo nasce com a fé pascal, com o querigma da comunidade primitiva. Nesse tangente, ele nos ajuda a ver quão importante foi a ressurreição de Jesus para a fé das primeiras comunidades cristãs. Foi com a aparição do Cristo ressurreto que elas se sentiram motivadas a anunciar o Cristo que havia morrido pelas pessoas. O elemento da ressurreição, no entanto, parece faltar no discurso dos jovens de Dona Otília. E, mesmo assim, conseguem apreender a morte de Jesus como um evento salvífico. Como será possível isso? Será a mera reprodução de um discurso da Igreja, ou de alguma maneira a explicitação de que, mesmo sem ressurreição, essa morte teria sido “por nós”?

Cristo na teologia da cultura: O ser humano não pode receber uma resposta a uma pergunta que ele não formulou, já dizia Paul Tillich (1984). É a situação humana, contra ela, bem como a favor dela, que Deus fala. Isso não significa que a resposta deva ser derivada da pergunta. A experiência revelatória independe das perguntas, mas será irrelevante caso não existir uma pergunta para a qual ela seja a resposta. Relacionar a mensagem cristã com a situação cultural presente: Nisso

poderia ser resumido o principal objetivo do programa teológico de Tillich (apud MONDIN, 2003).

O ser humano, na concepção desse teólogo, é uma dualidade entre essência e existência. O “pecado original” é, para ele, fruto da finitude do ser humano, consequência de sua passagem do estado de natureza pura para a existência na história. Nesse processo ocorreria uma ruptura da relação natural entre Deus e o ser humano. Com suas próprias forças o ser humano não pode voltar ao estado inicial, recuperando sua natureza essencial. Somente Jesus Cristo é aquele no qual as forças desagregadoras da existência, como a soberba e a angústia, foram vencidas. Somente Cristo, homem no qual Deus se torna visível, é capaz de trazer uma nova realidade, salvando, regenerando, justificando e santificando a todas as pessoas. Esse núcleo da mensagem cristã, ao não ser expresso de modo inteligível ao ser humano moderno, perdeu grande parte de sua credibilidade, acredita Tillich (apud MONDIN, 2003).

Até que ponto o núcleo da mensagem cristã está sendo expresso de modo inteligível ao ser humano moderno, é a pergunta que se poderia fazer a partir de Tillich. Nesse sentido, mostra-se pertinente a afirmação de um estudante: “Jesus morreu por nós. É o que falamos. Mas, como assim?”

Cristo na teologia da libertação: Na teologia da libertação, passa-se a acentuar a dimensão histórica da salvação trazida por Cristo: Rompe-se com a tradicional distinção entre os planos temporal e sobrenatural. As libertações na história seriam antecipações e concretizações da libertação plena e futura no Reino de Deus. O pecado, por sua vez, passa a ser entendido além da dimensão pessoal, reconhecendo-se o pecado também nas dinâmicas estruturais.

Importante característica da cristologia da libertação, conforme Gibellini (1998, p. 368), é a sua “hermenêutica praxista”. Com forte insistência no seguimento de Jesus, interpreta-se não tanto para compreender, mas sobretudo para praticar. Cristologia da libertação poderia, assim, ser definida como uma cristologia do seguimento. Jesus como aquele que desperta para o discipulado é ideia bastante enfatizada entre os estudantes. Por isso, se ele não tivesse existido, haveria menos amor e compaixão entre as pessoas, acreditam eles. A dimensão futura também foi lembrada: “A sua vinda e morte juntamente com tudo o que o acompanhou mantém em grande escala a fé e a esperança de que tudo pode ser melhor”

Toda a atuação de Jesus em favor das pessoas pecadoras e oprimidas, incluindo, por exemplo, suas exortações em nome de um amor que ultrapassasse o círculo familiar e sua preocupação em acolher pessoas discriminadas, como crianças, pessoas deficientes e doentes, permite que Jesus seja facilmente identificado como um bom modelo ético a ser seguido. Mas relegar sua atuação somente a isso seria tornar pequena demais a mensagem cristã. Afinal, existem muitos exemplos éticos, e o cristianismo não mostraria nada de novo.

Por outro lado, parece simplista querer resumir o testemunho bíblico à possibilidade de confronto existencial com o Cristo pregado pelo protocristianismo. Há sem dúvida uma continuidade entre a vida de Jesus, sua morte e ressurreição e a pregação posterior da Igreja. Negar essa relação seria cair, ou numa mera jesuologia, que pouco teria a dizer para a fé, ou num querigmatismo desgarrado de sua historicidade. Nesse sentido, a crítica da teologia da libertação impõe-se como autêntica.

Resta apresentar de uma maneira mais sistemática o entendimento dos próprios universitários acerca de Cristo. Notar-se-á a presença de diversas perspectivas, talvez por influência dessas diferentes correntes teológicas que de um modo ou outro continuam presentes na pregação da Igreja. É sem dúvida essa diversidade que deve ser explorada. Os próprios universitários, portanto, ao apontarem para diversos elementos da atuação de Jesus, alertam para a necessidade de se preservar a riqueza do evento Cristo.

4 O discurso cristológico dos universitários de Dona Otília

Três eixos principais puderam ser identificados no discurso cristológico dos universitários da Paróquia Martin Luther: a) Jesus como exemplo a ser seguido, b) Jesus como salvador e c) Jesus como Filho e manifestação de Deus. Outro aspecto enfatizado foi o da experiência, afirmando-se apreciar a participação na Santa Ceia e as visitas pastorais.

a) Jesus como exemplo a ser seguido: representando grande parte das concepções dos estudantes a respeito da figura de Jesus Cristo, está a ideia de exemplo a ser seguido. Olhando para as atitudes de Jesus, teremos um modelo para a nossa vida, um impulso, uma inspiração: Jesus Cristo é “uma amostra, um exemplo que nos impulsiona e nos mostra o caminho. Pode influenciar no nosso modo de ser e de agir, dependendo de como o vemos”. Ele é “Filho e inspiração para nossa vida na comunidade e em família.”

Quando perguntados o que seria diferente atualmente, caso Jesus não tivesse existido, a maioria afirmou que haveria menos amor entre as pessoas. Jesus parece ser, então, aquele que, através de seu exemplo de amor, conseguiu inspirar muitas pessoas a imitarem-no. Dentro do luteranismo, tal compreensão é muitas vezes vista com receio, afinal, poderia dar a entender que, por meio de suas obras, o ser humano alcançaria algo de Deus, não sendo a sua atuação primeira em favor das pessoas que as motivaria à ação. Para essa atuação primeira e imerecida de Deus os próprios universitários apontam, na medida em que resgatam o caráter salvífico da morte de Cristo, experimentada por meio do perdão dos pecados.

b) Jesus como salvador: o segundo mais importante eixo identificado diz respeito à temática da salvação. Alguns elementos, palavras-chave que apareceram nesse contexto foram: “sofrimento”, “perdão”, “pecados” e “cruz”. Jesus Cristo é “o Salvador, veio para salvar a humanidade. Ele entregou sua vida pela remissão

dos nossos pecados e nossa salvação.” Sua morte foi uma entrega em favor da humanidade. Seja para salvar as pessoas, para deixar sua mensagem ou para perdoar pecados, essa entrega se deu com um objetivo: O principal é a salvação.

Como a palavra “salvar” foi várias vezes citada, convinha aprofundar, por meio de entrevistas, o entendimento do termo entre os universitários. Percebeu-se, de modo geral, certa dificuldade em definir o significado da palavra. “É. Jesus morreu por nós. É o que falam. Mas, como assim?” foi a fala de um estudante. A constatação “é o que falam” parece apontar para a existência de um discurso muitas vezes ouvido, mas não assumido pessoalmente. De maneira análoga, uma estudante, em entrevista, afirmou: “na Igreja sempre se diz que Jesus veio pra nos salvar. Sei lá...” Sua dificuldade inicial foi assumindo a forma do discurso sobre remissão dos pecados e possibilidade de participação no futuro Reino de Deus:

Eu acho que seria mais aquela coisa assim tipo tu crê nele aí depois, tipo ele veio pra nos salvar no sentido assim de depois... também acho que tem alguma coisa a ver com a remissão dos pecados, essa coisa, acho que mais seria isso... É complicado. Eu acho que é mais assim tipo pra que, porque, que nem dia-a-dia a gente vai pecando e coisa. Aí chega no dia, no caso no dia do juízo final como se ele pusesse uma mão assim pra te livrar daquilo. É uma coisa assim que eu acho.

Eu acho que ele se preocupava bastante com nós, com todo mundo, e a morte foi pra mostrar que nós também, que ele nos salva, que ele se preocupava e que nós também podemos nos salvar um dia.

Chama a atenção que, mesmo sem conseguir expressar muito bem o que “salvar” de fato significa, o acontecimento na cruz e seu caráter salvífico, foi, ao final de uma entrevista, apontado como central. A pergunta feita havia sido: “Pensando em Jesus Cristo. Tudo aquilo que ele fez, que ele falou, o que você acha que foi o mais importante?”

Eu acho que é a questão da entrega dele. No caso, ele entregou o corpo dele, no caso da salvação. Pra salvar toda uma humanidade, eu acho. Uma prova de, tipo, ele não tinha egoísmo nenhum porque ele pensou muito mais nos outros. Ele se entregou por causa das pessoas que ele nem conhecia pra salvar eu acho que seria isso mais.

c) *Jesus como Filho de Deus*: o terceiro entre os temas mais citados refere-se à ideia de Jesus como expressão do transcendente: há algo de divino em Cristo, pois ele é “filho de Deus”, “o filho de Deus que deu sua vida para salvar os homens.” Outros o definiram enquanto “a manifestação de Deus”. Com certeza por isso, em relação à pergunta o que seria diferente atualmente caso Jesus não tivesse existido, várias pessoas responderam que duvidaríamos da existência de Deus e que haveria menos amor. Seu ensino, sua atuação e morte em nosso favor parecem assim apontar para o próprio Deus. Acontecimentos históricos tornam-se expressão do sagrado. Amor pelo próximo, cuidado para com os fracos, morte sem egoísmo, mostram, em verdade, a face de amor do próprio Deus.

Mas quem é este Deus para o qual Jesus aponta? Como é este ser divino que Jesus Cristo manifesta? Três palavras-chave ajudam a expressar a apreensão dos universitários deste Deus: Proteção, força e vida. Deus é “tudo, ele é a força maior que sobrepõe a tudo e a todos, é nosso pai que olha por seus filhos, que nos protege e nos livra de todo o mal”, é “uma força que nos guia, protege e ajuda”, “o ser maior, que nos traz conforto e é o sentido da nossa vida.” “Para ele não tem hora e nem lugar, sempre está junto a nós, a cuidar”. Ele é “o pai de tudo e de todos”, “criador do mundo e de tudo de bom que há nele”, “o mantenedor da vida. Está sempre conosco onde quer que estejamos. Ele é nosso guia, nosso amparo”.

A importância da experiência: visita pastoral e Culto com Santa Ceia foram apontadas como as atividades mais atrativas realizadas na Paróquia, enquanto encontro de jovens, retiros e festas da comunidade, atividades que, assim achou-se inicialmente, seriam escolhidas como as mais atrativas, receberam avaliações em geral não tão positivas. Por que visita e Ceia? Em comum parece haver o elemento da experiência: tanto uma conversa pessoal, tanto o fato de se dirigir ao altar junto com outras pessoas da comunidade e lá participar da partilha do pão e do vinho, corpo e sangue de Cristo, são caracterizados por um contato pessoal mais direto, pela partilha, por um maior envolvimento do corpo, dos olhos, das mãos.

Em entrevista, perguntou-se pela opinião em relação à Santa Ceia. A estudante entrevistada falou de uma “sensação de alívio”, fruto da “remissão dos pecados”. Em suas palavras: “É aquela sensação de alívio, mais é a remissão dos pecados, né, tipo, junto com a Ceia, e parece que a gente se sente mais aliviada depois”. Mas o que seria pecado afinal? A estudante entende que o pecado pode ser identificado na medida em que nos colocamos no lugar da outra pessoa: “Seria tipo a questão de não mentir, de não fazer, tipo: Eu não faço pro outro o que eu não quero que ele me faça. Então eu me coloco no lugar”.

A experiência do perdão mostrou-se novamente importante em outra entrevista. O estudante explicou que o que o leva a gostar da Ceia é “a própria Ceia em si” e “a confissão de pecados que dizem que é”. “Você se sente perdoado e se sente melhor depois do Culto”, ele explica. Exemplos de pecado, para ele, seriam o “desrespeito ao próximo, não conversar com Deus, somente quando precisa. Tipo, agradecer, nunca faço isso. Eu sei que eu não faço isso. Muita gente também não faz”.

Sob essa perspectiva da experiência do perdão, a afirmação Jesus Cristo é “o Salvador, veio para salvar a humanidade. Ele entregou sua vida pela remissão dos nossos pecados e nossa salvação” parece adquirir um sentido mais concreto. A salvação trazida por Jesus teria a ver com a mentira, com as nossas falhas, com às vezes que deixamos de conversar com Deus. Na medida em que tudo isso nos é perdoado, podemos sentir uma “sensação de alívio” e, quem sabe talvez, certa motivação para um recomeço, inspirados por aquele que “nos impulsiona e nos mostra o caminho”, o Filho de Deus, que é “inspiração para nossa vida na comunidade e em família”.

5 Considerações e desafios para um trabalho com universitários

Jorge Claudio Ribeiro (2007, p. 5), a partir de uma pesquisa realizada entre universitários da PUC-SP, pôde afirmar que “a religiosidade do jovem é intensa”, de maneira a mostrar-se equivocada a ideia de que a juventude teria perdido as crenças e abandonado as práticas religiosas, mergulhando no niilismo, no consumismo e no individualismo. Que o ateísmo não seja realidade universitária também é constatação de pesquisas como a realizada por Ari Oro (2002), entre universitários porto-alegrenses, ou a de Hilário Dick (2003), entre estudantes da Unisinos de São Leopoldo.

Stefano Martelli (1995, p. 384), ao considerar a questão da religião entre jovens italianos, afirma que “a experiência religiosa é mais expressiva que o que poderíamos chamar de um questionamento religioso”. Nesse sentido, parece interessante lembrar que a maioria dos universitários de Dona Otília afirma nunca ter passado por alguma espécie de “crise de fé”. Pelo contrário, entendem ter mantido um pensamento linear em questões religiosas. A reprodução de discursos como “Jesus é salvador”, de uma maneira até certo ponto irrefletida por parte dos universitários, parece corroborar essa sua auto-avaliação.

O contato com a Igreja local, que sem dúvida permite essa influência do discurso religioso entre os universitários, deve-se, em grande parte, poder-se-ia concluir, a partir das exposições feitas no primeiro capítulo, ao bom relacionamento com a família. É, pois, nas férias, quando estão visitando seus pais, que esses jovens têm maior contato com a comunidade, participando dos Cultos. Mas já antes de ingressarem na Universidade, esses jovens tinham contato com a comunidade eclesial. Muitos (talvez todos) foram batizados quando ainda pequenos (cf. entrevistas).

A importância dos relacionamentos não se mostra apenas no que tange à família. A atratividade atribuída a uma visita pastoral, por exemplo, parece expressar uma característica desse público: a de valorizarem a aproximação pessoal com outras pessoas. “Às vezes converso em profundidade com outra pessoa e isso me traz energia” foi uma frase escolhida em 5º lugar (de 68) pelos universitários da PUC-SP. “Energia, alegria, descoberta do outro são tão necessários que se revestem de um significado sagrado”, explica Ribeiro (2007, p. 7). Erik Erikson ajuda a perceber essa valorização de um contato mais pessoal como característico da idade adulta jovem, afinal, segundo ele, o indivíduo está pronto para a intimidade, para arriscar o seu eu em relacionamentos mais profundos.

A importância do relacionamento pessoal também parece ser importante para se entender a definição dada pelos universitários para uma pessoa religiosa. “Muitos julgam as pessoas que não freqüentam a igreja como pessoas não religiosas, mas eu acredito que toda pessoa que acredita em Deus e que tem fé, mesmo não freqüentando a igreja como uma pessoa religiosa”, foi o comentário de uma

estudante ao final do questionário. O relacionamento pessoal com Deus mostra estar acima das instituições religiosas. Acreditar na força divina, viver através dela, rezar todas as noites, ter Deus no coração e manter a confiança nele também seriam critérios para se identificar uma pessoa religiosa.

Ribeiro aponta para duas características marcantes da religiosidade do jovem: afastamento das tradições formais e ênfase na subjetividade. Apesar de não se poder notar um afastamento por parte dos universitários de Dona Otilia de sua confissão religiosa, a fé, em seu entender, não depende da religião. Duas frases, quanto a isso, são apresentadas por Ribeiro: “A fé é mais importante que as crenças e religiões” (em 3º lugar) e “a verdade está acima das religiões” (em 9º lugar). “Assim, a experiência de algum tipo de religiosidade pessoal, dotada de forte conteúdo emocional e exigência de convicção, tem maior valor para o jovem do que o ensinamento transmitido”, conclui Ribeiro (2007, p. 5).

Talvez por isso os jovens não estejam tão preocupados em poder explicar o acontecimento salvífico do qual falam ao se referir a Jesus Cristo. Importa crer que de alguma maneira há algo de central nisso, que Jesus não tinha egoísmo nenhum, entregando-se por causa das pessoas, em seu favor.

Mas e como essa fé parece influenciar nas escolhas dos universitários e na sua vida de um modo geral? Hilário Dick (2003, p. 15), em pesquisa realizada entre universitários da Unisinos, São Leopoldo – RS, constata o seguinte: “Com relação à compreensão da vivência de fé, verifica-se o dualismo da fé e da vida, havendo a tendência para certo comunitarismo em que não tem lugar nem a reza nem o pobre”.

Entre os universitários pesquisados da Paróquia Martin Luther, a incoerência identificada poderia ser resumida da seguinte maneira: por um lado, eles afirmam ansiar por uma sociedade melhor, sendo Jesus aquele que os inspira a vivenciar o amor entre as pessoas. Por outro lado, a escolha do curso e projetos para o futuro pouco expressam essa preocupação por uma sociedade melhor. A fé, enquanto aquilo que toca incondicionalmente⁵, deveria, no entanto, perpassar todos os âmbitos da vida humana. Em outras palavras: como posso sonhar com um mundo melhor, se minhas escolhas e atitudes em grande medida não apontam, nem contribuem para tal? Como posso, enquanto cristão, entender que Jesus é inspiração e exemplo para uma vivência em favor do próximo, se escolhas fundamentais de minha vida não estão relacionadas com uma preocupação pelo bem das outras pessoas?

Poderia a Igreja, de alguma maneira, contribuir para uma vida cristã mais coerente no que se refere ao discurso e prática desses universitários cristãos? Disposta a vivenciar a comunhão, mais que apenas fazer algo pelos universitários, a comunidade eclesial deveria estar disposta a caminhar com eles, acompanhando-os em seu testemunho cristão no mundo. É esse relacionamento de iguais,

⁵ Paul Tillich (2002) nos ajuda a entender que a fé é um ato da pessoa como um todo. Todos os elementos de sua vida participam desse ato.

vivenciado, por exemplo, por meio da comunhão na Ceia, ou de uma visita pastoral, em que é possível a troca de saberes e de experiências, que os universitários pesquisados mostram valorizar. Um trabalho pastoral com universitários deveria estar atento a tais expectativas.

Referências

- BRAATEN, C. A pessoa de Jesus Cristo. In: BRAATEN, Carl; JENSON, Robert (Ed). *Dogmática cristã*. 3.ed. v. 1. São Leopoldo: IEPG/Sinodal, 2005.
- DICK, H. O imaginário religioso do estudante da UNISINOS. *Cadernos do IHU*, ano 1, n. 1, 2003.
- ERIKSON, E. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FOWLER, J. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- GIBELLINI, R. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MARTELLI, S. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*. Entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MONDIN, B. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Teológica, 2003.
- ORO, A. P. A religião entre universitários no Sul do Brasil. *REB – Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 248, 2002.
- RIBEIRO, J. C. *Perfil da religiosidade do universitário*. Um estudo de caso da PUC-SP. Disponível em: <<http://sistemason.vanderbilt.edu/files/ciznxu/Ribeiro%20Jorge%20Claudio.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2007.
- SPOSITO, Marília. Plano Nacional da Juventude: jovens ausentes nas políticas públicas. *Brasil de Fato*. Uma visão popular do Brasil e do mundo. ed. 162, abr. 2007. Entrevista concedida a Brasil de Fato. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/v01/impreso/anteriores/162/nacional/materia.2006-04-12.0265135635>>. Acesso em: 02 set. 2007.
- TILLICH, P. *Dinâmica da fé*. 7.ed. São Leopoldo: Sinodal. 2002.
- TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- YIN, R. K. *Estudo de caso*. Planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- YOUNG, P. V. *Métodos científicos de investigación social*. Introducción a los fundamentos, contenido, método, principios y análisis de las investigaciones sociales. 2. ed. México: Universidad Nacional Autónoma, Instituto de Investigaciones Sociales, 1960.
- ZWETSCH, Roberto E. Evangelho, Missão e Culturas: o desafio do século XXI. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Aste, 1998.